

Desenho: espaço de diálogo

Vinicius Hernandez de Andrade*

Resumo A discussão aqui apresentada refere-se ao trabalho do escritório de qual sou cofundador, em sociedade com Marcelo Morettin. Atualmente somos uma equipe que conta com os dois sócios, dois associados e mais oito arquitetos. Considera-se fundamental ressaltar este aspecto porque neste artigo se tratara de expor o processo de trabalho que se tem desenvolvido na prática profissional do cotidiano do escritório e este processo tem se caracterizado por ser bastante coletivo, contando com a participação de todos os membros da equipe, desde o início de cada trabalho, sempre mediado pelo desenho. Da concepção até seu posterior desenvolvimento.

Palavras-chave: desenho, projeto, Residência Jardim Europa.

El diseño: espacio del diálogo

Resumen La discusión aquí presentada se refiere al trabajo de la oficina de la cual soy co-fundador, en asociación con Marcelo Morettin. Actualmente somos un equipo con dos socios, dos asociados y otros ocho arquitectos. Se considera fundamental destacar este aspecto porque en este artículo se trataba de exponer el proceso de trabajo que se ha desarrollado en el ejercicio profesional de la vida cotidiana de la oficina y este proceso se ha caracterizado por ser bastante colectivo, contando con la participación de todos los miembros del equipo, desde el inicio de cada trabajo, siempre mediado por el dibujo. Desde la concepción hasta el desarrollo posterior.

Palabras clave: dibujo, proyecto, Residencia Jardim Europa.

Drawing: space to dialogue

Abstract The discussion presented here refers to the work of the office of which I am co-founder, in partnership with Marcelo Morettin. We are currently a team with two partners, two associates and eight other architects. It is considered fundamental to emphasize this aspect because in this article it was about exposing the work process that has been developed in the professional practice of the daily life of the office and this process has been characterized by being quite collective, counting with the participation of all team members, since the beginning of each work, always mediated by the drawing. From conception to further development.

Key words: drawing, project, Residence Jardim Europa.

O presente artigo tem como objeto um projeto de 2013^{1,2}. É um projeto que está na mesa³, ou na prancheta e, justamente por ser muito recente, tem ainda algum material preservado para que se pudesse ilustrar um pouco do processo de trabalho. São vestígios dos diálogos que se travaram durante a concepção dos projetos.

Considera-se que o desenho pode ter diversas expressões, formas e utilidades. Mas também se entende que seria uma ótima oportunidade para discutir a maneira como o grupo que atua no escritório utiliza o desenho no processo de trabalho. O *croquis*, que é o desenho feito a mão, no papel, é o desenho do processo de projeto, ou seja, o próprio projeto em andamento.

Hoje, dentro do escritório, tende-se a enxergar cada projeto como um desafio particular. O processo de projeto assume um aspecto analítico: o projeto é um problema que é colocado e que deve ser analisado, dissecado e esse processo de conhecimento do problema conduz a uma possível solução. Assim chega-se a um projeto como quem chega a uma solução ao problema colocado. O projeto final, portanto, é visto como a conclusão deste processo analítico. (GINOULHIAC, 2009) Evidentemente a equação de um projeto tende a ser muito complexa e não é possível processar todas as variáveis simultaneamente, mas é elencado aquelas que se considera fundamentais.

O conjunto de desenhos que será mostrar funciona como o registro do modo que se usa o desenho dentro do escritório, entendido como uma ferramenta deste processo analítico. É feito, principalmente, esquemas, diagramas. O *croquis* é o raciocínio exposto, raramente é feito desenhos, *croquis*, de ilustração por exemplo.

Estes desenhos ilustram o diálogo, a conversa que se dá dentro do escritório durante o processo de trabalho. Nesse sentido o desenho se revela também uma ferramenta de interação: faz-se um desenho, um esquema na mesa, com o objetivo de discutir o projeto com os demais arquitetos. Este é um desenho de interação não apenas porque comunica uma ideia, mas também porque outra pessoa vai colocar a mão e vai dizer/traçar: “mas aqui pode acontecer isso” e assim também transforma o desenho. Então o papel e o desenho são efetivamente um espaço de interação.

Neste momento ocorre um fenômeno interessante, que tem a ver com a dinâmica da criação coletiva: a ideia de autor do desenho e, portanto, autor do projeto se dilui. Será mostrado desenhos de diversos autores, às vezes no mesmo papel. Então essa ideia de um autor que fez o desenho, que teve o *insight*, ou a iluminação, deixa de ser central. Acredito que o resultado dos projetos revela isso: mais do que ter um traço marcante, os projetos são uma resposta bastante racional àquilo que se foi capaz de compreender do problema que se colocou.

* Vinicius Hernandez de Andrade é Arquiteto e Urbanista, Sócio-fundador do escritório Andrade Morettin Arquitetos Associados, Professor e coordenador pedagógico da Escola da Cidade.

¹ Equipe envolvida no desenvolvimento do projeto: Sócios Diretores: Vinicius Hernandes de Andrade e Marcelo H. Morettin; Arquitetos Associados: Marcelo Maia Rosa e Renata Andrulis; Equipe: Adriane De Luca, Carlos Eduardo Murgel Miller, Gabriel Sepe, Felipe Fuchs, Raphael Chiste B. A. de Souza, Fernanda Mangini de Oliveira, Melissa Kawahara; Estagiária: Ana Cristina Niessner; e Secretária: Gabriela Maulin.

² Sobre a produção geral do escritório ver: *REVISTA MONOLITO* No 2, 2011; MORETTIN, 2016.

³ O presente artigo foi escrito em 2013.

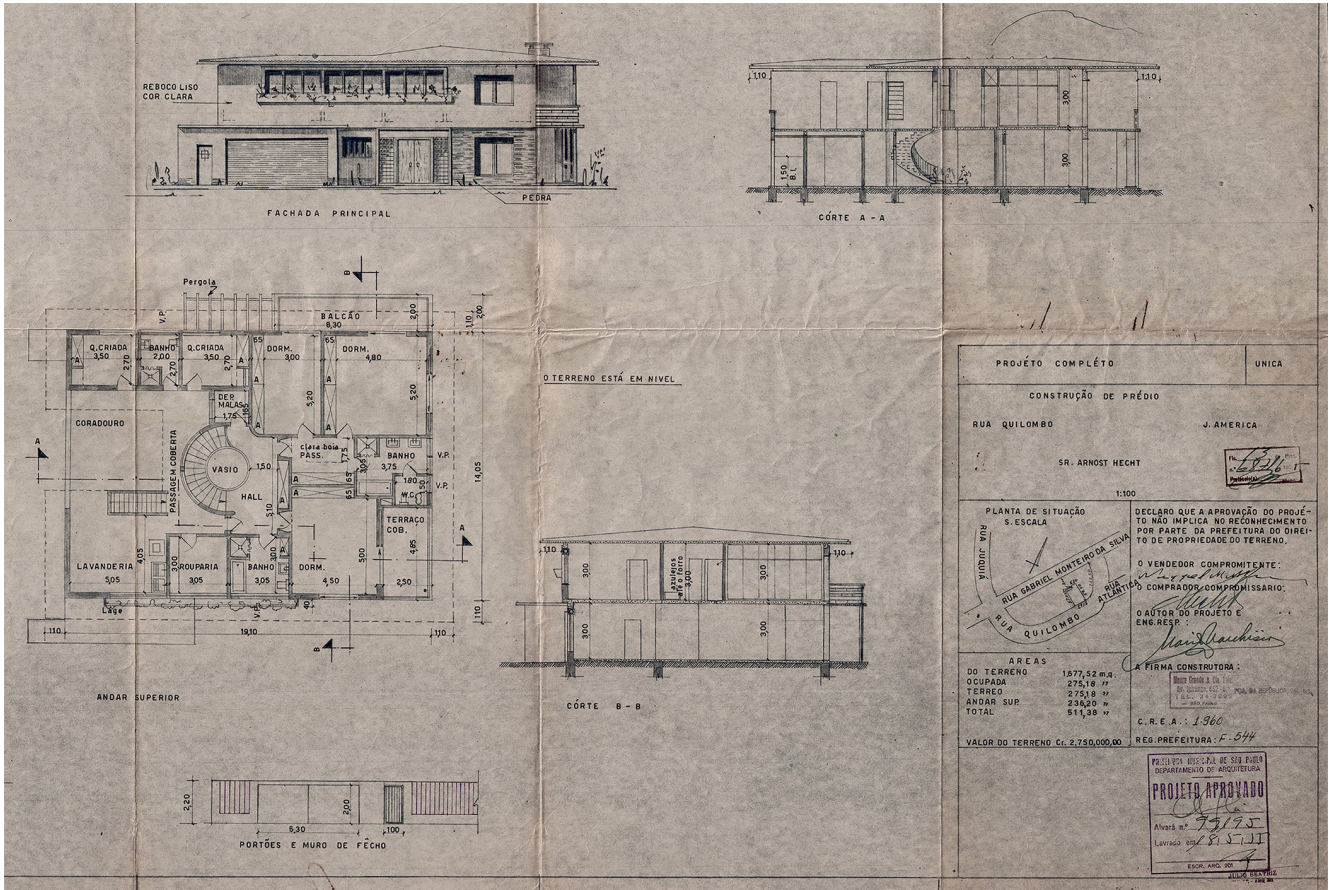
Figura 1: Projeto original. Fonte: acervo do escritório

Residência no Jardim Europa - São Paulo

Esse é um projeto que teve início em janeiro deste ano. Partiu-se de uma residência moderna construída nos anos 1970, no Jardim Europa em São Paulo.

Esse foi o primeiro desenho, a primeira imagem que se teve da casa (figura 1). Na primeira reunião, o proprietário levou esse documento, que é o desenho de aprovação. Ele havia comprado essa casa e tinha gostado muito da edificação. No entanto, o espírito do lugar não era legível ainda, porque não estava representado nesse desenho. A partir da primeira visita ao local deu-se conta de que o verdadeiro patrimônio dessa propriedade é seu jardim, amplo e quase selvagem.

A partir desta constatação se começa a construir a estratégia de projeto para este caso específico. Tratar de entender o que se tinha pela frente e quais as oportunidades de projeto que se tinha ali. Numa primeira abordagem é tratado de experimentar um primeiro cruzamento entre a propriedade (a casa e o jardim) e a interpretação do grupo sobre o programa arquitetônico apresentado pelos clientes (figura 2).



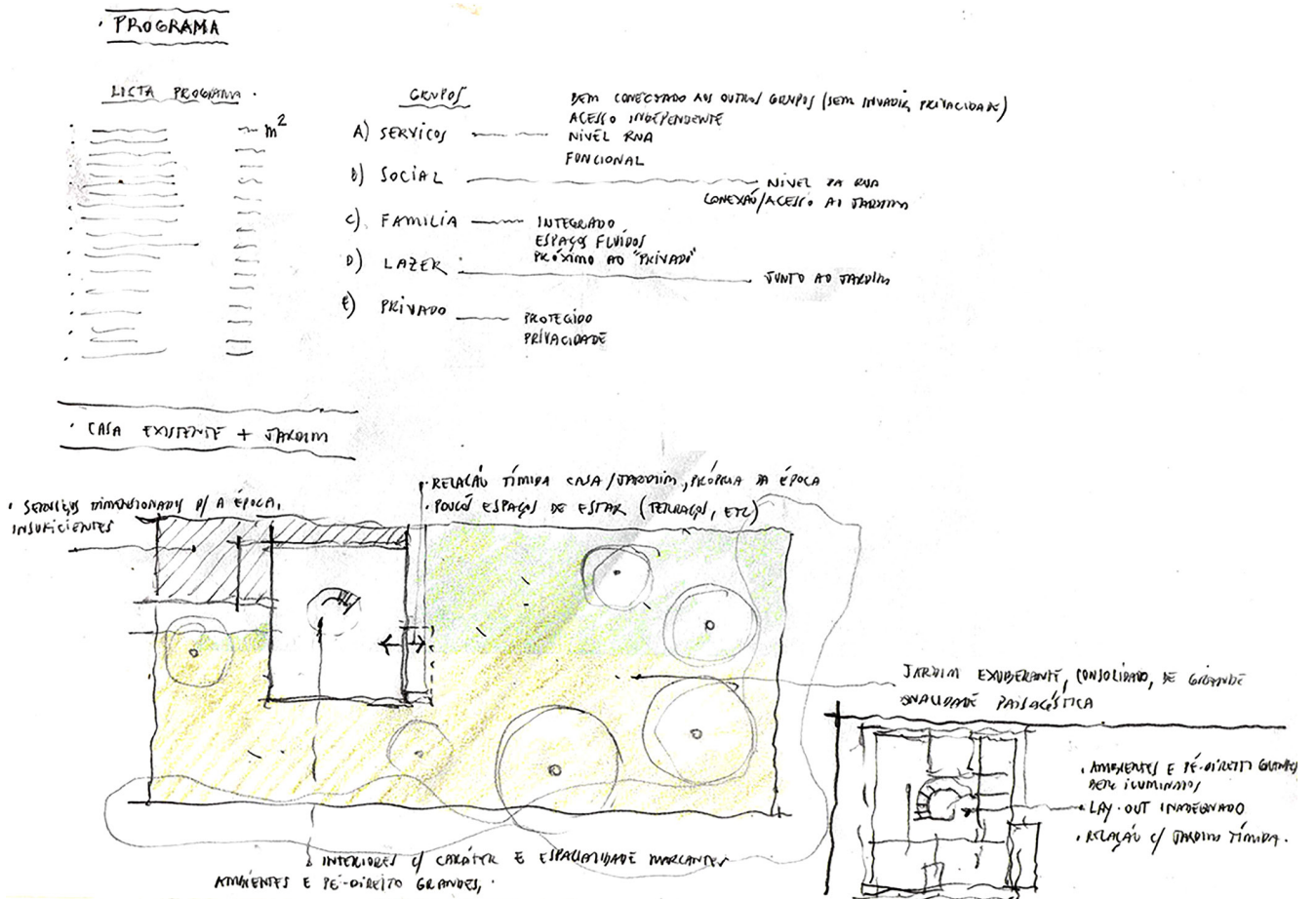


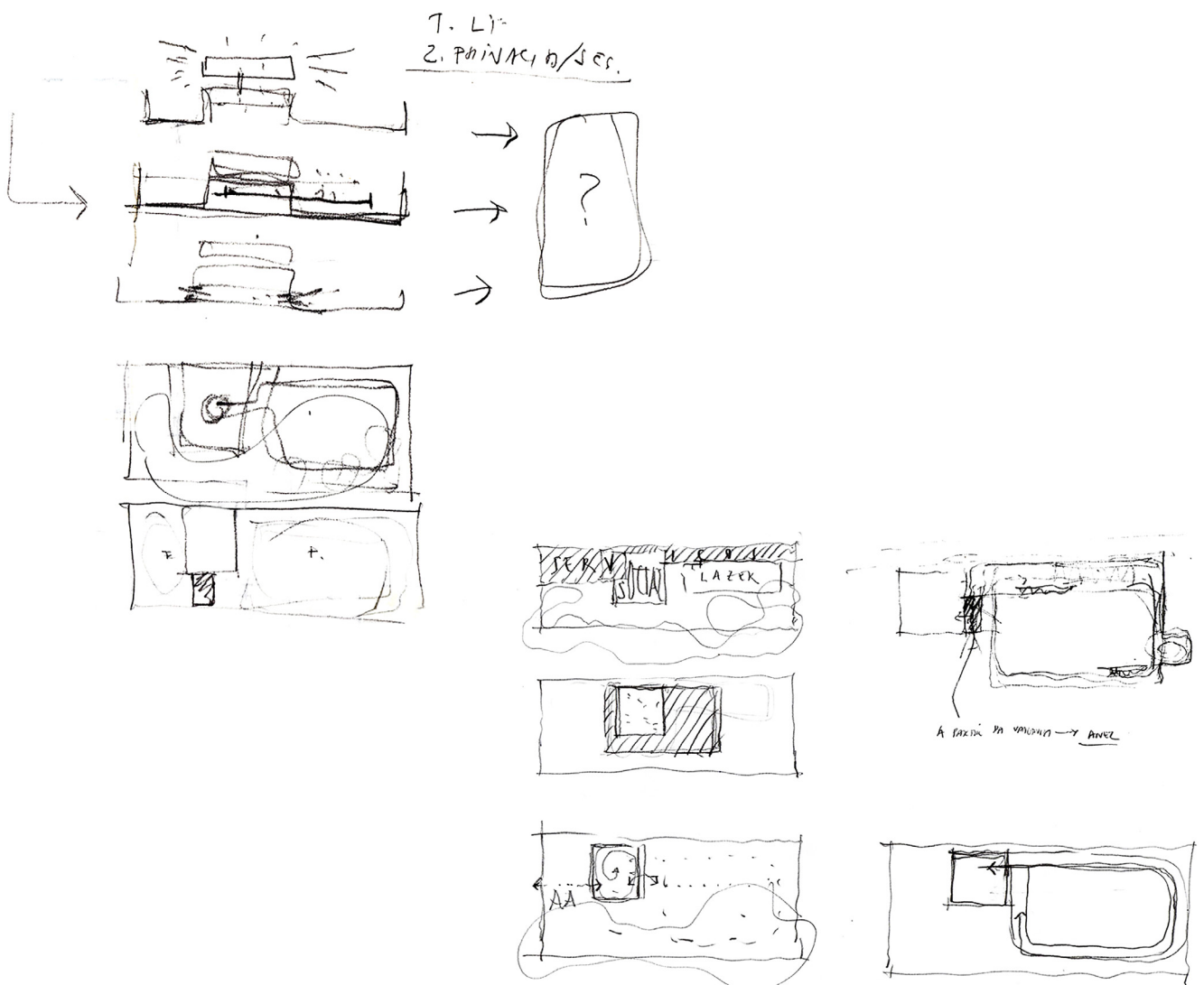
Figura 2: Esboço - existente x programa proposto. Fonte: acervo do escritório.

Na segunda aproximação ao problema passa-se a discutir como adereçar uma nova visão ao património existente e, simultaneamente, introduzir uma ampliação significativa de área que é o que os proprietários solicitavam. Rapidamente chega-se a uma convergência entre os interlocutores da mesa de projeto: deve-se preservar ao máximo a área de jardim (figura 3), portanto a ampliação, provavelmente, a seria feita sobre a casa existente, para que não fosse aumentada a projeção sobre o terreno e, portanto, preservando o que mais se valorizava na propriedade, que era justamente o espaço livre.

Uma vez conquistada a permanência do amplo jardim, é pensado qual a relação que a casa guardaria com este espaço livre. Surge então a possibilidade de criar uma espécie de anel (figura 4), um percurso, que num primeiro momento aparece só como um caminho no jardim, mas logo se articula com a ideia de pulverização de programas pelo terreno, para que o jardim fosse também programático e não só contemplativo. Queria-se que os proprietários pudessem realmente utilizar o jardim como uma extensão da casa e não só como um lugar para olhar. Então, essas são decisões mais estratégicas, mais espaciais do que formais, nesse momento.

Figura 3: Esboço inicial. Fonte: acervo do escritório.

Figura 4: Esboço - percurso. Fonte: acervo do escritório.

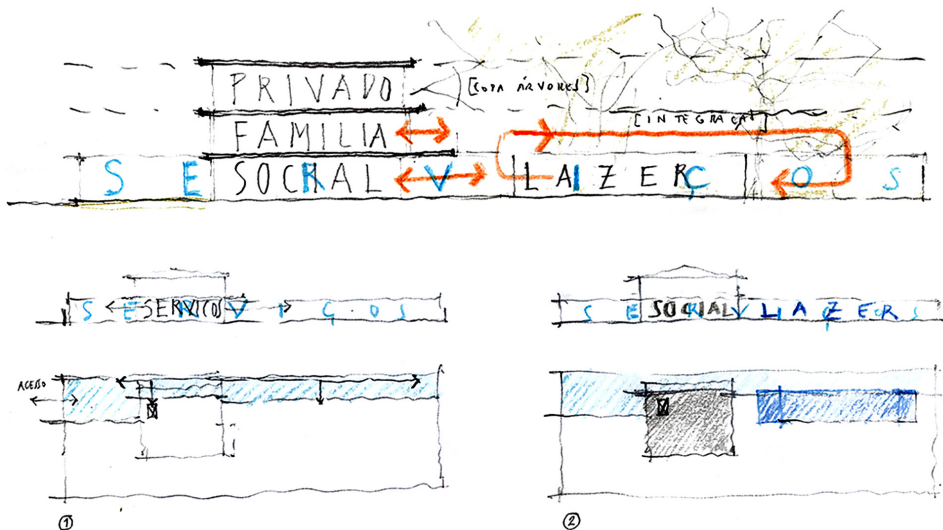
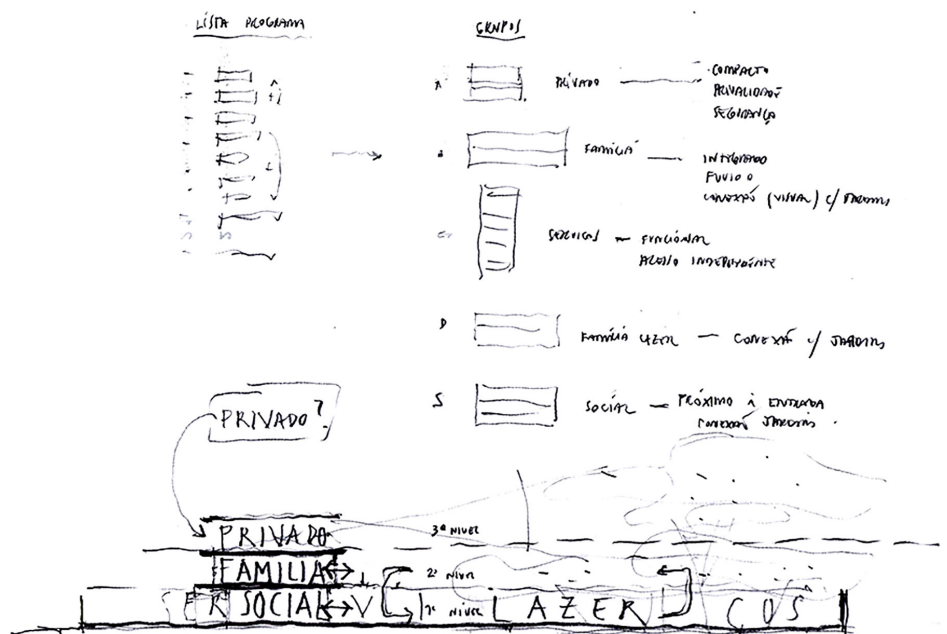


Neste ponto, começa-se a verificar como seria distribuído o programa (figura 5), uma vez que se iria empilhar um terceiro volume em uma casa existente de dois andares. Um desafio especial tem que ver com os apoios, com as atividades periféricas típicas da casa paulistana contemporânea. Partiu-se da casa de alvenaria para um desenho mais arrojado, construído em aço, mas ainda se teria que lidar com a convivência entre empregados e empregadores sob o mesmo teto.

Figura 5: Esboço - distribuição do programa. Fonte: acervo do escritório.

Figura 6: Esboço - proposta. Fonte: acervo do escritório.

Então retomou-se a questão do programa, como se divide, como incorporar o lazer ao espaço interno da casa e, ao mesmo tempo, incorporar o programa ao jardim. Começa surgir a ideia de, por exemplo, colocar no fundo do lote alguma atividade que faça com que o jardim deixe de ser borda para ser meio. (figura 6) Este é um desenho mais elaborado da distribuição das atividades, considerando os percursos e os fluxos.



A cota superior, onde foi inserida esta passarela, está no nível da copa das árvores e este é um terreno bastante arborizado. No meio deste processo, por meio de um telefonema do cliente, o grupo foi informado que eles queriam agora uma piscina também, então começa-se a trabalhar essa questão: como entra a água nesse circuito. Já se havia assimilado a ideia de um programa que se expande para um circuito e de que o jardim e as atividades da casa tenham uma relação de continuidade. (figura 7)

Um circuito elevado do chão duplica as possibilidades de circulação na área do jardim programático: é possível circular no chão de forma difusa e de forma linear no nível do segundo pavimento da casa, que anda um pouco abaixo das copas existentes. Este circuito, em forma de anel, articula cada peça do programa, que se encontra pulverizado pelo lote e, entre estas peças, um volume superior que foi sobreposto à construção existente. Esta é descrição da estratégia de organização adotada para o projeto que deve, finalmente, expressar com clareza a solução adotada, revelando em sua forma construída, o raciocínio. (figuras 8, 9 e 10)

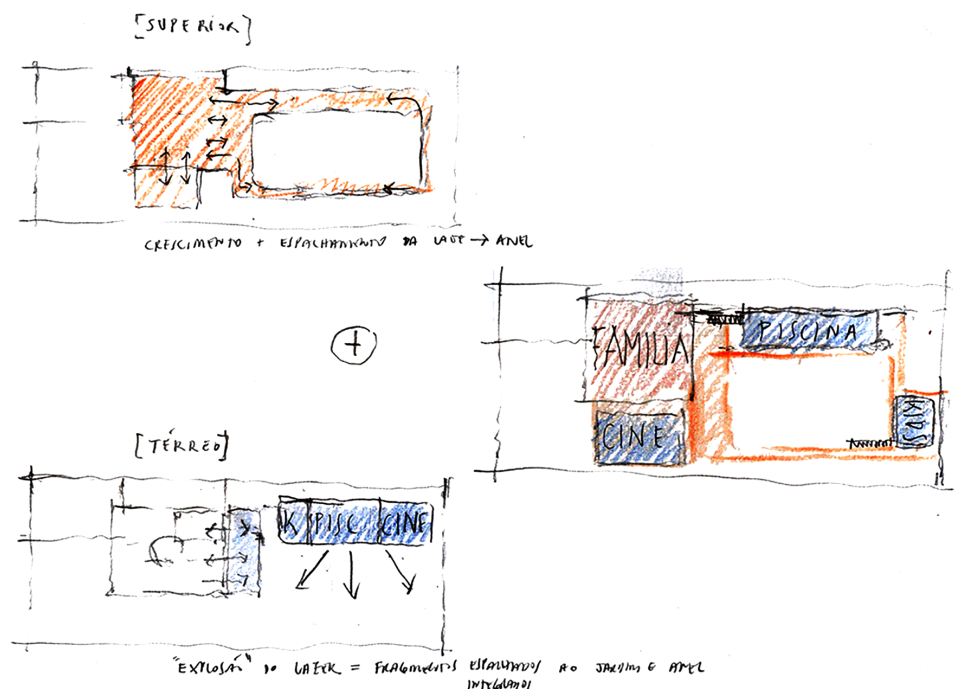
Referências bibliográficas

Ginoulhiac, M. (2009). A interpretação da representação como condição disciplinar para o projeto de arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, ano 09, n.107.00, Vitruvius, abril, < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.107/55> >.

REVISTA Monolito nº 2 - Andrade Moretin. São Paulo: Editora Monolito, 2011.

MORETTIN, Renata (ed). *Andrade Morettin: cadernos de arquitetura*. São Paulo: BEI comunicação, 2016

Figura 7: Esboço - proposta final.
Fonte: acervo do escritório.



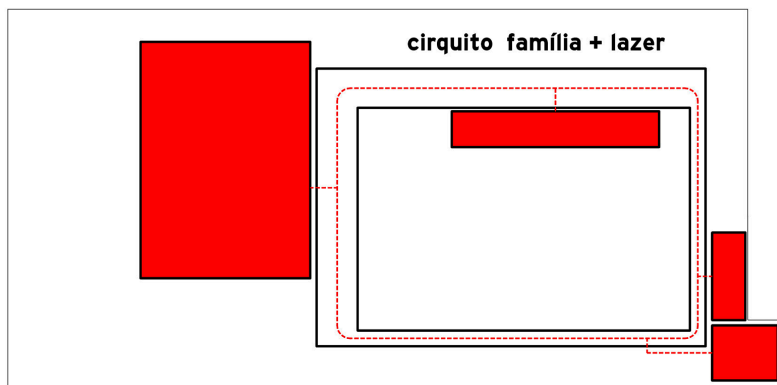
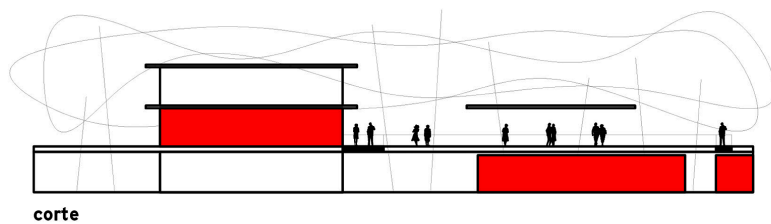


Figura 8: Diagrama. Fonte: acervo do escritório

Figura 9: Perspectiva eletrônica proposta. Fonte: acervo do escritório.

Figura 10: Perspectiva eletrônica proposta. Fonte: acervo do escritório.

Recebido [Mes. dia, ano]

Aprovado [Mes. dia, ano]